

[iBEST](#)
[DISCADOR](#)
[PRÊMIO IBEST](#)
[EMAIL](#)
[PROMOÇÃO](#)
[GAMES](#)
[CENTRAL DO CLIENTE](#)
[CADAS](#)

Assine Revistas Abril pague só em 20/12 e concorra à prêmios!


IPOD NANO 2GB
 a partir de
 em até 6x! **RS 749**


Sua chance de ficar juntinho de um peugeot
 passe o mouse

Terça-feira, 25 de outubro de 2005

no mínimo **Reportagem**

[enviar](#) | [imprimir](#)

- Arthur Dapieve
- Augusto Nunes
- Carla Rodrigues
- Guilherme Fiuza
- José Paulo Kupfer
- Leo Martins
- Marcos Sá Corrêa
- Mario Sergio Conti
- Paulo Roberto Pires
- Pedro Doria
- Ricardo A. Setti
- Ricardo Calil
- Ricardo Kotscho
- Roberto Benevides
- Sergio Bermudes
- Sérgio Rodrigues
- Tutty Vasques
- Villas-Bôas Corrêa
- Xico Vargas
- Zuenir Ventura
- + A palavra é...
- + Blogs favoritos
- + .Comportamento
- + Convidados
- + Ensaio
- + Entrevista
- + Fala Leitor
- + Galeria
- + Impressões Digitais
- + Política & Cia
- + Reportagem
- + Sexo nas Bancas

Filhos? Melhor não tê-los

Silvia Pilz

04.10.2005 | Algo de diferente anda acontecendo com as famílias brasileiras. Basta abrir álbuns de fotografias de 50 anos atrás e compará-los às imagens de casais capturadas nos últimos 20, 10 anos para enxergar que nossos avôs estavam bem mais cercados de crianças do que nós. As estatísticas populacionais mais recentes no Brasil confirmam o que os álbuns sugerem: temos cada vez menos filhos.

Nada a ver com a taxa de fertilidade. De acordo com um estudo do economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas, baseado no cruzamento de dados colhidos pelo IBGE no Censo de 2000 e na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2003, o país está até produzindo mais mães. É cada vez maior o número de mulheres que chegam à maternidade, inclusive depois dos 40 anos. A diferença é que, na média, elas têm menos filhos do que antes e, cada vez mais, adiam a maternidade. "Esses números refletem o desenvolvimento social do país", diz Neri. Poucas crianças em casa indicam que o casal, principalmente a mãe, tem alta escolaridade e razoável poder aquisitivo.

"O comportamento reprodutivo do brasileiro de classe média alta é similar ao do povo que vive em Londres", diz o cientista político Sergio Abranches. As atuais projeções sugerem que, lá pelo ano de 2050, as populações da União Européia e do Japão deverão ter diminuído em 28%. Dos 35 países mais ricos do mundo, somente em três deles - Islândia, Nova Zelândia, regiões de pequena densidade demográfica, e Estados Unidos - as mulheres estão produzindo o número suficiente de bebês (pouco mais de dois por pessoa, na média) para substituir a população existente.

E, dentro dessa classe média que vai voluntariamente reduzindo

Publicidade



Clá
Mú

Ou

Ti

Fel
ma
grij
+
Zé
tra
a R
+

Tu

E

A F
ser
am
de

G

Weblog

buscar

Busca avançada

Quem somos

NoMínimo

Instale o *feed* de notícias

XML

O que é RSS?

Nosso link
em seu blog

a fertilidade, há um subgrupo que simplesmente decidiu não exercê-la. Nas estatísticas populacionais européias, a tendência vai ficando clara. No Censo Nacional de 2001 da Grã-Bretanha, uma entre cinco mulheres britânicas em idade de ter filhos não tinha nenhum. Na Alemanha, diz Herwig Birg, da Universidade de Bielefeld, 30% das mulheres nascidas em 1965 não têm filhos. No passado, mais de 90% das mulheres com essa idade já teriam tido filhos. No mundo ocidental, hoje, os demógrafos calculam que entre 16% e 25% dos casais não queiram mais mamadeiras pela casa.

No Brasil, embora nunca tenha sido feito um cálculo preciso do fenômeno, também há muitas mulheres que fizeram a opção de não colocar crianças no mundo. "Eu prefiro mil vezes viajar a ter que trocar fraldas, fazer uma pós-graduação a pagar maternal e colégio, trocar de automóvel todo ano a comprar triciclos, ir a um bom restaurante a gastar fortunas com comidas da Nestlé", diz Sandra Marckovicky, 35 anos, solteira.

Tia de sobrinho único

A escolha de Sandra e tantas outras tem, muitas vezes, um custo social. Que mulher já não teve vergonha de assumir em público que não sente vontade de gerar um bebê? A "platéia" sempre reage mal e não falta quem faça a pergunta um tanto imbecil: "Por quê? Você não gosta de crianças?" É constrangedor e irritante. Procriar virou uma imposição da sociedade. Optar por não ter filhos é quase um crime.

Mas a tendência é crescente – e parece irreversível. Tatiana Pignatari, 33, economista, casada há 8 anos com o arquiteto Diniz Pignatari, 49, não deseja ter filhos - pelo menos não agora, faz a ressalva. E também não sabe se terá no futuro. "No meu caso, a opção de não ter filhos não foi tomada em função do trabalho. Eu simplesmente não tenho o desejo de ser mãe", diz ela.

É a mesma situação de Ana Paula Padrão, apresentadora do telejornal do SBT. "Ainda gostaria de ser mãe, sim, mas decidimos esperar um pouco. Já passei por quatro longos tratamentos para engravidar. Em um deles, perdi o bebê na oitava semana de gestação. Os médicos disseram que o meu horário de trabalho era um dos grandes obstáculos", escreveu ela num texto ao qual deu o título de "A escolha de nossas vidas".

Não é mesmo fácil defender essa posição. Basta tocar no assunto que mulheres como Tatiana são imediatamente tratadas como uma versão feminina e moderna de Herodes e, além de obrigadas a responder gostam, sim, de crianças, mas na casa das outras, ainda têm de ouvir: "Você não acha que um filho complementa a vida de um casal?"

Não, muitas mulheres e homens não acham. "Na verdade, acho que o desejo de formar uma família é fruto da educação que recebemos, das nossas referências. A família é a base, o colo eterno, a continuidade", responde Tatiana, sem deixar de apontar para as contradições que enxerga em todo o processo. "O problema é que as mulheres da minha geração foram educadas para estudar, trabalhar e buscar independência. Vivo um conflito." Enquanto isso, vai curtindo a fase de tia de um

Ob
cor
mo

W

O p
diri
ass
vivi

A

Pa
par
pâr

A

Rei
coli

P

Um
pes

In

Cor
lan

F

ju
infl
dor

P

único sobrinho.

“Quando eu era mais jovem, eu tinha este sonho, mas os anos foram passando e a minha cabeça foi mudando. Sempre acreditei que, para colocar uma criança nesta roda-viva, tínhamos somente que encontrar o par perfeito”, diz Paula Dias, 33 anos. Sua cabeça mudou, porém: “Não consigo deixar de pensar num bebê sem levar em conta as despesas e responsabilidades que ele traz.” E, pensando assim, não escapa do preconceito: “Por várias vezes, me vejo dando satisfações em relação à minha opção de não ter filhos. As pessoas sempre fazem uma cara de espanto”, conta.

Luciana Bressane, 34, casada há dois anos, assume o espanto: “Tenho preconceito quando vejo um casal mais velho sem filhos. Logo acho que algum dos dois tem problemas de fertilidade ou que ambos são anormais. Acredito também que a opção de não ter filhos nos afasta da realidade da maioria das pessoas”, diz. “Acho que, sem filhos, você fica mais egoísta, individualista. Eu sei o quanto eu sou importante na vida dos meus pais, quantas alegrias já passamos juntos. Eu quero isso pra mim também e, acima de tudo, quero poder sentir o tal do amor incondicional e inexplicável de uma mãe por um filho.”

Maternidade é um investimento

Parece que o culto à hereditariedade impõe uma cegueira. Mal nos importamos com a ameaça à sobrevivência de milhões de exemplares da nossa raça nem com a superpopulação que afeta a qualidade de vida na Terra. Queremos nossos filhos. A contradição chegou ao ponto de casais incapazes de gerar uma criança recorrerem a milagres científicos para ter filhos. Desconsideram a possibilidade de uma adoção – que poderia ajudar a salvar um semelhante – e a situação de “lotação esgotada” na qual vivemos. Trigêmeos e quadrigêmeos fabricados através de um processo induzido, à base de medicações e muita perseverança, estão aí para contar essa história.

No Brasil, o questionamento a este culto cego à hereditariedade começou nos anos 60 do século passado, quando chegou por aqui o livro “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir. Segundo a pensadora francesa, a mulher tinha de se libertar economicamente e os filhos eram obstáculos, entraves, uma responsabilidade que impediria a mulher de assumir outras e mais urgentes funções que a de mãe. A escritora foi uma das precursoras do feminismo e fez o Brasil começar a repensar o papel da mulher na sociedade.

A antropóloga e professora da UFRJ, Mirian Goldenberg, em reportagem publicada na revista “TPM”, afirma que os frutos do movimento feminista só foram possíveis porque, depois da pílula, inventada no fim dos anos 50, podia-se controlar a maternidade. Segundo Mirian, foi a partir daí que nós, mulheres, evoluímos para o que se vive hoje, uma certa busca pelo meio do caminho. Traduzindo: estamos correndo atrás da nossa essência - aquela que Joseph Campbell, escritor e mitólogo, assim anunciou: “a mulher afastou-se da terra, desconectou-se da própria natureza e passou a andar longe de sua essência. Para as sociedades primitivas, a mulher dá à luz assim como a terra faz brotar plantas”.

A coisa se complica quando elas tomam a decisão de reverter o processo de que fala Goldberg e se reconectar com a natureza, mas a natureza já não quer dessa conexão. Muitas vezes, a revisão de atitude acontece quando não é mais tão fácil engravidar naturalmente. A saída são os tratamentos de fertilização. E o resultado, bebês demais, quase sempre acima do desejado. Roger Abdelmassih, especialista em reprodução assistida, é dono de uma das clínicas mais requisitadas no país, localizada nos Jardins, em São Paulo. Em dez anos, dos oito mil bebês de proveta nascidos no Brasil, aproximadamente 2,6 mil foram gerados na sua clínica, entre eles os gêmeos de Pelé e o herdeiro de Gugu Liberato. "As mulheres que engravidam através de tratamentos de fertilização têm, em média, 30% de chance de ter bebês gêmeos", afirma.

Cristina Soares, 43, é casada com João Paulo Penido, 64. Ambos vivem em Salvador, com seus quadrigêmeos Ricardo, Luiza, Beatriz e Vicente. Quando se conheceram, João Paulo já era pai de três filhos e havia feito vasectomia. Como Cristina, que sempre teve o desejo de gerar um bebê, não estava disposta a desistir de seu sonho, o casal procurou a clínica do Roger Abdelmassih. "Nossa surpresa, obviamente, foi enorme no primeiro ultra-som. Quando o médico viu três *pontinhos* (quinze dias depois, apareceu mais um), o susto foi grande, mas não o suficiente para nos roubar a felicidade de realizar um sonho", conta a mãe em dose quádrupla.

De acordo com as pesquisas da etóloga Rosana Tokumaru, doutora em psicologia experimental pela USP, a herança biológica acompanha o desenvolvimento da mulher dentro do grupo social. "Não parimos somente para preservar a espécie. Parimos para dar satisfação aos nossos pais, avós, maridos, amigos etc." Rosana diz que não temos filhos apenas por um puro desejo de ser mãe. "Apesar de soar cruel, a maternidade, em muitos casos, é um investimento na velhice", afirma.

editor@nominimo.ibest.com.br

[Receba as reportagens de NoMínimo por email](#)

[^ volta ao alto da página](#)

Praça Nossa Senhora da Glória 46, 5º andar
Rio de Janeiro RJ 22211-110 • tel +55 21 2225 5772

copyright 2002, nominimo.com.br
editor@nominimo.ibest.com.br